

Narrativas identitárias e associativismo de tradição germânica na região de Santa Cruz do Sul: o discurso da identidade regional [1850 - 1950]

Mozart Linhares da Silva*
Marinês Teresinha Neumann**

RESUMO

Entre os temas pertinentes ao Desenvolvimento Regional destacamos os estudos acerca da Identidade cultural/regional. Nesta perspectiva esta pesquisa tem por objetivo a análise das narrativas identitárias a partir do estudo do associativismo de tradição germânica na região de Santa Cruz do Sul. A investigação acerca da influência do associativismo na construção da identidade cultural tem como marco cronológico o início do processo de colonização por imigrantes germânicos na região de Santa Cruz do Sul e se estende até a campanha de nacionalização do Estado Novo de Getúlio Vargas. Esta demarcação justifica-se em função do associativismo ter iniciado praticamente com o começo da colonização enquanto que a Era Vargas impõe uma outra dinâmica na elaboração do discurso identitário germanista em função da repressão da campanha de nacionalização no contexto da II Guerra. As considerações finais da pesquisa apontam para o fenômeno da tradução cultural dos elementos de tradição germânicas na identidade cultural/regional e ainda procuram apontar para a importância da *hibrys* na construção identitária dos teuto-brasileiros da região de Santa Cruz do Sul. Identidade cultural/étnica/regional é analisada, portanto, como um discurso de pertencimento e diferenciação. Um discurso estruturado pela alteridade e não pela essencialização da cultura.

Palavras-chave: Imigração Germânica. Associativismo. Narrativas identitárias. Identidade regional/cultural.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo problematizar as meta-narrativas legitimadoras da identidade cultural/étnica da região de Santa Cruz do Sul a partir da releitura das representações do germanismo, tomando-se como objeto de análise o associativismo e os enunciados propagados a partir destas "instituições" que contribuíram para a construção da chamada comunidade imaginada de "tradição" germânica.

Considerando-se as inúmeras discussões acerca da identidade germânica da região de Santa Cruz do Sul, este artigo propõe uma análise crítica ao conceito de identidade cultural como é apresentado por parte significativa da historiografia regional. A demarcação temporal da análise compreende o período do início do processo colonizatório até o Estado Novo de Vargas, não só por ser este marco significativo para o desenvolvimento do associativo na região, mas sobretudo por ser este o período privilegiado pela historiografia para sedimentar e naturalizar os elementos integrantes da identidade cultural/regional. A partir da crítica ao essencialismo identitário, o artigo problematiza os limites da identidade germânica na região, visto que a identidade cultural não se constitui como substâncias ou essências, mas dinâmicas híbridas e em constante construção implicadas em traduções culturais e relações de poder que não contornam as tensões políticas e as relações de poder. Questiona-se, portanto, como são construídas as narrativas identitárias a partir das associações de tradição germânica na região de Santa Cruz do Sul e quais foram as possibilidades de manutenção, reordenação e fixação de elementos que propagaram a “identidade imaginária” do germanismo e seus desdobramentos na formação da identidade regional.

1

As narrativas sobre a identidade das comunidades “germânicas” e, acima de tudo, os mecanismos institucionalizadores da chamada identidade cultural “teuto-brasileira” na região de Santa Cruz do Sul são os elementos norteadores para uma releitura da História regional, considerando a História, vale notar, como um dos elementos legitimadores das narrativas identitárias e dos mitos fundacionais estratégicos nos processos de naturalização das identidades. Entre as instituições que contribuíram para a “manutenção e repercussão da identidade alemã” destacamos as associações de tradição germânica, os conhecidos “Vereine”¹, fenômeno amplamente difundido nas comunidades germânicas do Sul do Brasil.

O conceito de identidade abordado na sociologia e na historiografia regionais, especificamente na região de imigração “germânica” do Vale do Rio Pardo, comumente é compreendido de forma a-histórica e essencialista, no sentido de que os elementos que caracterizam a identidade são dotados de essências próprias e não redutíveis em sua estrutura fundacional à dinâmica espaço-temporal. Assim sendo, a maioria dos autores que se debruçaram sobre a cultura “teuto-brasileira” explicam-na como reprodução das tradições que os imigrantes germânicos “trouxeram na bagagem” da terra de origem. Ressalta-se, ainda, que a historiografia na região relaciona o associativismo com a chamada “identidade germânica”, considerando-a um importante elemento no que se refere à determinação do empreendedorismo e “sucesso” civilizatório na Região do Vale do Rio Pardo, norteado por valores, tradições e *ethos* deslocados da Europa germânica na bagagem de imigrantes que desde o século XIX se estabeleceram no Sul do Brasil. Frente às limitações para uma análise exaustiva da historiografia regional sobre a identidade germânica neste artigo, apontamos alguns vieses analíticos que ainda persistem.

Os estudos sobre o fenômeno associativo, de modo geral, procuram relacionar a manutenção de valores que os imigrantes trouxeram de sua região de origem como condição determinante do triunfo comunitário e sobretudo do desenvolvimento econômico e civilizatório, tomado, não raras vezes, como modelo a ser contrastado com o resto do

país. Nesta direção, podemos citar o “livro comemorativo” ao centenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul (1924):

Cometer-se-ia, porém, uma grande injustiça, para com o associativismo teuto-brasileiro, caso se quisesse negar que ele tem consciência de sua tarefa de zelar pelos valores ideais através das múltiplas formas de sociabilidade e outros tipos de organizações. Tudo isto comprometido com o amor à pátria brasileira para cujo progresso os descendentes de alemães contribuíram de forma significativa, preservando os velhos valores culturais de sua tradição (VERBAND DEUTSCHE VEREINE, 1924, p. 301).

Autores como Jean Roche (1969, p. 643) atribuem ao fenômeno associativista uma justificativa psicológica em vista do sentimento de “prazer” que embasa as relações de pertencimento grupal. Podemos mencionar ainda o autor Leopoldo Petry (1939, p. 39) que tece elogios às associações econômicas, de amparo e educacionais e critica o associativismo germânico com fins recreativos, considerado como desvio dos valores fundamentais que estruturam a integridade da comunidade em torno da ética do trabalho. Nota-se o discurso sanitariano presente no texto do autor, que é marcado pela preocupação com a saúde, a economia e a moral dos integrantes das associações meramente recreativas.

Ao lado dessas associações úteis e necessárias, encontramos também, um sem número de outras, com fins meramente recreativos: são poucas as picadas de certa importância em que não se encontra uma sociedade de atiradores; os clubs de bolão são inúmeros; pertencer a um club de football é quase obrigatório, para um moço que se presa e até as senhoras organizam, em muitos lugares, clubs de tiro ao alvo e de bolão. Pode-se, quase, dizer, que existe um excesso de clubs e sociedades na região colonial. (1939, p. 40).

Na mesma direção de uma abordagem essencialista da cultura, Lissi Bender Azambuja analisa a importância da língua para a “preservação e transmissão” cultural dos antepassados alemães:

Através do convívio comunitário e familiar, auxiliados por suas escolas, os colonos transmitiam seus valores culturais para as gerações seguintes, encontrando, assim, um modo de construir uma nova vida em uma nova terra. E a língua alemã foi a mediadora de todas as relações, responsável pela socialização, que possibilitou o cultivo de valores e hábitos dos colonos imigrantes, o que sedimentou a identidade cultural em Santa Cruz. A língua estava presente em todas as atividades dos descendentes de alemães como um elemento fundamental da cultura herdada (AZAMBUJA, 2002, p. 33).

Marionilde Brepohl de Magalhães faz alusão à recriação através da memória de “manifestações culturais” e “formas de sobrevivência”; porém, atribui a esta memória a capacidade de transportar uma bagagem cultural, explicitando uma concepção pouco crítica da identidade cultural.

Vimos que estes novos habitantes das Américas para aí se deslocaram, trazendo em suas bagagens a determinação de resistirem à proletarização e à perda de sua cultura original; eram, em sua maioria, camponeses, artesãos e intelectuais que fugiram de um sistema econômico e político igualmente autoritário e que recriaram, em suas colônias, formas de sobrevivência e de manifestações culturais inspiradas em suas memórias, às quais se somaram as experiências de seu novo universo (MAGALHÃES, 1998, p. 44).

A mesma autora salienta ainda que “escolas e igrejas são fundadas, em nome da preservação da identidade religiosa e lingüística, sob o princípio da manutenção da germanidade” (1998, p. 40).

Aqui cabe salientar a crítica que Dagmar E. E. Meyer faz em relação ao termo “bagagem cultural”, comumente usado para designar a tradução de tradições, valores, práticas e crenças que os imigrantes “trouxeram” da terra natal, como se a cultura teuto-brasileira fosse uma estrutura fixa e linear. A definição “bagagem” se refere a “um conjunto finito e fixo de coisas, que alguém voluntariamente empacotou e transporta para usar da mesma forma em variados lugares (...)”. A autora salienta que “a chamada ‘cultura teuto-brasileira’ não é uma reprodução linear e estática” (2000, p. 37).

Estes breves exemplos, tomados como eixos norteadores de parte da historiografia tradicional, permitem pontuar as abordagens acerca do tema da identidade cultural/étnica dos grupos teuto-brasileiros do Sul do Brasil. Em que pese vários autores procurarem contornar uma abordagem identitária triunfalista ou mesmo linear a dificuldade que se segue situa-se no entendimento da identidade cultural como fenômeno naturalizado e essencialista, tributário da “tradição” clássica do romantismo oitocentista. É preciso chamar a atenção, portanto, para a crítica pós-estruturalista acerca da identidade cultural. Ela permite um novo posicionamento crítico na análise.

Os vários significados do conceito de identidade cultural tornam necessário um posicionamento mais preciso do viés que seguiremos nesta pesquisa. Este procedimento é necessário, pois o foco analítico circunscreve a chamada cultura “teuto-brasileira” e esta implica que se discuta o que autores como Homi Bhabha (2003) e Stuart Hall (2002 e 2003) chamam de “identidades hífenizadas”.

O conceito de identidade cultural pressupõe uma pequena digressão acerca do contexto em que a “identidade” tornou-se elemento central na modernidade, ou seja, no contexto de estruturação do Estado-nação, principalmente no século XIX. Stuart Hall (2002) menciona que a identidade cultural tem sua primeira manifestação enquanto identidade nacional. Desta maneira, a identidade adquire importância enquanto elemento que define a fronteira nacional. Para tanto, identidade funciona a partir de alguns critérios estruturais para a definição da nação. Entre os elementos que compuseram a chamada identidade nacional destacamos: a língua, a história, a etnicidade e uma memória genealógica.

A língua passou a ser vinculada ao caráter nacional, em que “o idioma de origem, ao atuar como veículo de manutenção das especificidades nacionais, conserva vivo esse mecanismo de diferenciação entre os demais povos e nações” (GRÜTZMANN, 1999, p. 80). A língua nacional, a partir do advento da imprensa, passou a ter caráter de

homogeneização, ou seja, de uma língua unificada. Benedict Anderson (1989, p. 54) salienta que “as línguas impressas lançaram as bases para a consciência nacional” de três maneiras diversas: criando campos de intercâmbio e comunicação entre as línguas vulgares praticadas e o latim oficial; o capitalismo das editoras permitiu a fixidez da língua; e criou línguas de poder diferentes das vulgares. As línguas impressas nacionais passam, então, a ter importância fundamental para a propagação da política e, conseqüentemente, da ideologia nacionalista. A literatura, por sua vez, foi um dos fatores importantes para a fixação da língua, pois permitiu homogeneizar a estrutura lingüística, a sintaxe, a fonética e, evidentemente, a própria difusão da cultura, do folclore (poesia e canção popular) e das tradições.

Outro elemento fundamental para a construção da “identidade nacional” é a história, nomeadamente a nacional. Vale notar, desde já, que este caráter instrumental da história é que permite que afirmemos seu caráter político. É neste sentido que Mozart Linhares da Silva (2001, p. 32) chama a atenção para o fato de que “a politização do tempo, portanto da história, é uma maneira de nos situarmos e criarmos representações de nosso próprio tempo (...)”. Sendo assim, a história nacional do século XIX teve uma atuação fundamental no processo de construção da própria idéia de Estado-nação, ou seja, criava a própria representação da nacionalidade: os grandes heróis, as grandes guerras, os grandes mitos eram como referências identitárias, pois adquiriam características tipicamente nacionais. O estado-nação fazia uso de discursos que invocavam um passado memorável, histórias gloriosas se perdiam no tempo e se tornavam mitos, sustentados pela idéia de um povo puro. A história permite criar a percepção de uma coesão e de uma identidade calcada na idéia do que Homi Bhabha (2003, p. 203) chamou de “muitos como um”.

A identidade nacional também é simbolicamente baseada na etnicidade, ou seja, na idéia de um “povo puro”. A narrativa da nação remete à formação simbólica da etnicidade nacional. Isso implica um discurso homogeneizador, ou seja, coloca toda a população sob uma origem única, pura, sem “misturas” (BHABHA, 2003, p. 215). Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998, p. 45), citando W. Connor, ressaltam que os Estados-nações na verdade não chegam a sê-lo, pois não correspondem à realidade. A nação seria, então, uma consciência subjetiva referente exclusivamente a povo. A etnicidade, ou seja, o sentimento de pertencimento a determinado povo seria um estágio anterior à consciência nacional.

Neste sentido, a cultura nacional atuava como fonte de significados, bem como foco de identificação entre indivíduos e/ou grupos, valendo-se, para tanto, de um sistema de representação que visava homogeneizar a todos em nome do Estado-nação. Os elementos acima elencados se constituíram como formadores da chamada “Comunidade Imaginada”, termo utilizado por Benedict Anderson.

A formação da identidade cultural de determinado grupo é construída através de narrativas que se caracterizam como construções imagéticas e discursivas que visam homogeneizar a partir de elementos “ideológicos” que possibilitam que as diferenças sejam anuladas, e ao mesmo tempo, impõem discursos de identificação cultural e étnica. A tendência da identidade é se tornar fixa, mas, como acontece com os mecanismos lingüísticos e discursivos, ela sempre está em devir, escapando. É o que, segundo Sílvia

Duschatzky e Carlos Skliar (SKLIAR, DUSCHATZKY, 2001, p. 131), Derrida chama de *différance*. A identidade, de acordo com o conceito-chave do pensamento derridiano, está em constante negociação em relação ao outro, em que não se pode especificar o limite entre uma identidade e outra. A identidade está continuamente se deslocando, ou melhor, deslizando dentro de outra.

Stuart Hall argumenta que a construção da identidade de determinados indivíduos ou grupos se organiza a partir de narrativas construídas do imaginário, num tempo histórico específico, definindo o jogo de poder que marca a diferença e que exclui ou inclui.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma identidade, naturalmente constituída, de uma identidade em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (2000, p. 109).

Assim sendo, as identidades são construídas a partir da diferença, mas também num processo de afirmação do poder de determinado grupo. A identidade é estabelecida a partir do ponto de encontro entre os indivíduos e a diferença é considerada como aquilo que desqualifica. Do mesmo modo, “a identidade é algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2002, p. 38). Hall enfatiza que a identidade nacional ou individual é “formada e transformada” pela representação; os indivíduos não nascem com ela.

Kathryn Woodward afirma que “as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas” (WOODWARD, 2000, p. 8) e estes símbolos funcionam como marcadores das diferenças em relação a outros ou a outras culturas. Mas é importante reafirmar que esta marcação das diferenças não implica a manutenção da pureza identitária de uma cultura em relação a outra, mas sim, implica na tomada do outro como referencial também para a construção da identidade. O “Eu” e o “Outro” não são refratários um ao outro, mas sim funcionam como marcadores da diferença e da igualdade. Há cumplicidade nesta marcação, o que impede a afirmação de uma identidade como entidade pura e essencializada.

O estabelecimento de grupos humanos em lugares, ou melhor, em nações diferentes produz o que Homi Bhabha conceitua de hifenação cultural, e esses radicais, ou seja, culturas hifenadas, se caracterizam por “pedaços teimosos” de duas identidades que possuem significados e com as quais determinado grupo se identifica culturalmente. As diferenças que existem entre os grupos étnicos necessitam ser reformuladas para que haja uma aproximação com a identidade dos já estabelecidos nas regiões de fluxo migratório mais constante. A constituição da identidade com hífen é resultante do processo de “negociação” entre grupos minoritários e os “naturais”, sendo esses maioria, o que permite pensar esta negociação como discurso para a não-assimilação, e desta forma se caracterizar

como uma cultura híbrida. Esta forma híbrida de designar grupos étnicos é chamada por Homi Bhabha de hifenações híbridas. “As hifenações híbridas enfatizam os elementos incomensuráveis – os pedaços teimosos – como a base das identificações culturais” (2003, p. 301). Para que seja possível a construção de uma identidade hifenizada é necessário que a negociação e a regulação dos espaços sejam constantemente abertos, cujo traçado dos limites e fronteiras sofra continuamente transformações.

Stuart Hall, por sua vez, diz que “em condições diaspóricas, as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas” (2003, p. 76). Desta forma, podemos pensar que as hifenações híbridas ocorrem com mais frequência e maior intensidade em locais que recebem grande fluxo migratório, ou seja, nações multiculturais. As nações hifenizadas constituem também as chamadas nações multiculturais. O discurso multicultural ratifica a idéia essencialista de identidade cultural e não transcende o espectro da unificação interna das identidades culturais. É neste sentido que podemos afirmar que o mito de que as culturas possuem consistência no seu interior alimenta o discurso multiculturalista (HALL, 2002, p. 55). Na realidade, o Estado-nação moderno suprimiu o hibridismo existente em nome da homogeneização, pois a diversidade e a mobilidade são uma constante na história da humanidade. Neste sentido, a hibridização cultural nasce de relações de conflito entre diferentes grupos étnicos, nacionais ou raciais. Sendo assim, a hibridização relaciona-se com movimentos de diáspora que possibilitam o contato com diferentes identidades e, por isto, trazem a idéia de conflito pela imposição de superioridade de um grupo a outro e remete, de certa forma, à idéia de afetação do poder. Nas sociedades modernas, a diversidade cultural nos permite pensar que existe um intercâmbio entre as culturas que favorece o hibridismo. Normalmente o fenômeno é decorrente de processos migratórios e de relações assimétricas com o poder constituído. Estas culturas híbridas são resultado de várias histórias e culturas que se justapõem, produto de diversos tipos de identidades e que são resultantes de um espaço de incertezas e incoerências.

É apenas quando compreendemos que todas as afirmações e sistemas culturais são construídos nesse espaço contraditório e ambivalente da enunciação que começamos a compreender porque as reivindicações hierárquicas de originalidade ou “pureza” inerentes às culturas são insustentáveis, mesmo antes de recorrermos a instâncias históricas empíricas que demonstram seu hibridismo (BHABHA, 2003, p. 67).

Este processo se acentua devido a fenômenos como a migração, que pode ser visto como mercantilização das etnias e da alteridade, e provoca a homogeneização das identidades globais ou o fortalecimento das identidades locais. Assim, as identidades culturais são traduzidas no tempo e no espaço. Passa-se a elaborar uma cultura híbrida que possui elementos de duas ou mais culturas formando uma outra e/ou nova cultura.

A formação de uma identidade híbrida e, não raras vezes também hifenizada, permite questionar a solidez do discurso unificador da identidade nacional. O Estado-nação moderno, através deste discurso, pretendia homogeneizar as diferenças e diversidades existentes em seu território. O Brasil e tantas outras nações que recebem uma gama

considerável de imigrantes com culturas diversas são produtoras de culturas híbridas, bem como de culturas hifenizadas, como é o caso dos ítalo-brasileiros, dos afro-brasileiros, dos nipo-brasileiros e, no caso mais específico, pois constitui o foco desta pesquisa, dos teuto-brasileiros.

II

No que se refere aos teuto-brasileiros do Sul do Brasil, nomeadamente Santa Cruz do Sul, podemos considerá-los na perspectiva já analisada acima de culturas “hifenadas”. Contudo, esta perspectiva se apresenta como crítica à já desgastada proposição da *doxa* corrente de que o germanismo se constitui como uma cultura homogênea. Ao contrário, o que o termo teuto-brasileiro representa é justamente a possibilidade de pensar o germanismo como um discurso homogeneizador, uma narrativa que pretende constituir a comunidade imaginada dos descendentes de imigrantes. Destacamos entre os fatores relevantes na produção das narrativas identitárias de caráter germânico em Santa Cruz as associações. O associativismo é aqui pensado como agenciador não só da memória imigrantista, mas, sobretudo, como propagador dos elementos simbólicos de uma cultura que se pretende unificada. As associações são pensadas aqui como instituições aglutinadoras, comunitárias e importantes no processo de invenção da tradição, criação e ratificação de valores e ainda na tradução da identidade alemã para o Sul do Brasil.

Nesta direção, o que se problematiza, portanto, são os limites da identidade germânica na região, pois ao reposicionarmos a categoria identidade na ordem do discurso pretendemos desestabilizar as proposições homogeneizadoras e essencialistas da identidade cultural, e realocá-la na perspectiva da diferença e do hibridismo. A identidade cultural é entendida como um processo histórico e não como um dado natural, imutável, monolítico e único. Sendo assim, a identidade é construída a partir de processos abertos e negociados, o que pressupõe que não se negligencie as relações de poder e sujeição de um determinado grupo para com outro, nem os recursos pedagógicos utilizados na afirmação identitária. As associações são recursos pedagógicos poderosos nesse sentido.

Para que se tenha um maior entendimento acerca da estruturação da etnicidade teuto-brasileira é necessária uma análise sobre a ideologia da germanidade e do germanismo oitocentista, influenciados pela narrativa do nacionalismo germânico, que passa a se consolidar a partir do movimento romântico do século XIX na Alemanha, período de grande fluxo migratório para o Brasil, principalmente para os estados do Sul. Esta ideologia, mais tarde, se expande para as regiões ocupadas por imigrantes germânicos e seus descendentes e exerce influência sobre as organizações comunitárias: as escolas, igrejas e as associações. Embora provisoriamente, podemos inferir que a formação de associações de diversos fins, mais especialmente as de tradição cultural, foi influenciada pelas narrativas identitárias decorrentes do germanismo nacionalista. Neste sentido, a análise se torna pertinente, tendo em vista estas concepções terem embasado a formação da etnicidade teuto-brasileira.

De acordo com Imgart Grützmann (1999), o germanismo ou *Deutschtum* se refere à conservação das características culturais, sociais e raciais dos grupos formados por indivíduos de origem germânica. Por sua vez, Giralda Seyferth argumenta que os termos

Deutschtum ou germanidade e *Volkstum* ou nacionalidade assumem um significado mais amplo do que a mera semelhança com nacionalidade.

Volkstum expressa a etnia de um indivíduo e não diz respeito ao seu local de nascimento. É a ascendência (sangue), a cultura e a língua de um indivíduo. É a essência de um povo ou raça. *Deutschtum* é a *Volkstum* alemã, germanismo ou germanidade, a essência da Alemanha, representando o mundo teutônico. *Deutschtum* engloba a língua, a cultura, o *Geist* (espírito) alemão, a lealdade à Alemanha, enfim, tudo que está relacionado com ela, mas como nação e não como estado. Representa a solidariedade cultural e racial do povo alemão. Na tradição popular alemã do século XIX, os dois termos representavam a cultura popular germânica que fez com que os alemães tivessem consciência de uma grande fraternidade alemã a exemplo dos primitivos germanos; *Volkstum* e *Deutschtum*, portanto, trazem consigo a idéia de que a nacionalidade é herdada, produto de um desenvolvimento físico, espiritual e moral: um alemão é sempre alemão, ainda que tenha nascido em outro país. Nesse sentido, nacionalidade e cidadania não se misturam e não se complementam. A nação é considerada fenômeno étnico-cultural e, por essa razão, não depende de fronteiras; a nacionalidade significa a vinculação a um povo ou raça e não a um estado. A cidadania, sim, liga o indivíduo a um estado e, portanto, expressa a sua identidade política. Mas a cidadania não alemã em nada impede que um descendente de alemães seja fiel à nacionalidade dos seus antepassados que herdou (SEYFERTH, 1982, p. 45-46).

No que se refere à etnia, esta era a condição que permitia definir o povo na sua unidade e igualdade. Ao colocar a diferença como paradigma de reflexão sobre a cultura e a nação, o Romantismo conferiu à etnicidade um importante papel diferenciador das outras nações e povos. Por estar vinculada ao nacionalismo alemão, a ideologia étnica se estrutura sobre o ideário dos conceitos românticos-idealistas como língua, raça, povo, sangue e pátria, que são os elementos constituidores do *Deutschtum*. As origens das principais premissas da ideologia étnica são definidas a partir do regresso ao passado, baseados no ideário nacional do movimento romântico alemão, em que se destacam elementos voltados ao emocional e ao apelo à subjetividade.

As idéias nacionalistas são alimentadas e divulgadas por uma série de pensadores, filósofos e literatos que podem ser considerados os mentores intelectuais do germanismo oitocentista. Em que pese a coexistência de diversas correntes de pensamento no oitocentos da Alemanha, o certo é que o que os unia era pensar a cultura germânica não a partir do universalismo típico francês, mas, sim, a partir dos elementos que diferenciavam a Alemanha. Para usar uma expressão de Norbert Elias, “não é a civilização que está na tônica dos pensadores alemães no período, mas a *Kultur*” (ELIAS, 1990).

Foi justamente nesta perspectiva da *Kultur* que a Alemanha construiu uma imagem de grandeza e superioridade que possibilitou a própria constituição do Segundo Reich², em 1871, cuja posição aproximou-se do ideal nacional, de acordo com Norbert Elias. Após este período, “ideal e realidade distanciaram-se cada vez mais” (ELIAS, 1990, p. 321). Alguns elementos como língua, povo, religião e *Heimat*³ dão fundamento e sustentação ao germanismo, tanto na Alemanha como no Brasil.

Dentre os componentes que justificam e norteiam a reflexão teórica sobre o germanismo devemos destacar o povo. Ele é visto como uma grande família ou comunidade com bases na descendência e unida pela língua, cultura e raça sem um território político definido, ou seja, para além das fronteiras nacionais. Este ideário define povo com características de organização e coesão garantidas pela herança, por vínculos de afeto e de solidariedade que unem os seus membros a partir de um sentimento de pertencimento. Na realidade, o povo possui seu “cimento constitutivo” na idéia genealógica de sua constituição, num passado e numa história comuns, mas uma história que remete a uma mesma matriz constitutiva de longa duração. A nação é, assim, essencializada como existente desde sempre.

Para Homi Bhabha, o povo necessita ser pensado como “sujeito” do processo histórico, com origens prodigiosas, e também como “objeto” da pedagogia nacionalista sendo este campo conceitual bastante discutido. O autor acima citado argumenta que

É precisamente na leitura entre as fronteiras do espaço-nação que podemos ver como o conceito de “povo” emerge dentro de uma série de discursos como um movimento narrativo duplo. O conceito de povo não se refere simplesmente a eventos históricos ou a componentes de um corpo político patriótico. Ele é também uma complexa estratégia retórica de referência social: sua alegação de ser representativo provoca uma crise dentro do processo de significação e interpelação discursiva. Temos então um território conceitual disputado, onde o povo tem que ser pensado num tempo-duplo; o povo consiste em “objetos” históricos de uma pedagogia nacionalista, que atribui ao discurso uma autoridade que se baseia no preestabelecido ou na origem histórica constituída no *passado*; o povo consiste também em “sujeitos” de um processo de significação que deve obliterar qualquer presença anterior ou originária do povo-nação para demonstrar os princípios prodigiosos, vivos, do povo como contemporaneidade, como aquele signo do *presente* através do qual a vida nacional é redimida e reiterada como um processo reprodutivo. (BHABHA, 2003, p. 206-207.)

É nesta direção que o discurso ideológico visa a homogeneizar todos os integrantes do território - o povo - como signos imprescindíveis para a nação.

O germanismo concebe a língua nacional como fator que permite a união e identificação entre os integrantes da comunidade cultural, o povo. Dentre os valores perpetuados, a língua alemã atua como principal elemento. Ela seria instrumento valioso na transmissão e conservação da germanidade. Poder-se-ia, através da língua materna, transmitir mais intensamente as especificidades da cultura. Neste sentido, Benedict Anderson afirma que

Estes nacionalismos eram historicamente impossíveis antes do aparecimento dos nacionalismos lingüísticos populares, pois, no fundo, foram reações de grupos de poder – primordialmente, mas não exclusivamente, dinásticos e aristocráticos – ameaçados de exclusão, ou de marginalização, nas comunidades imaginadas populares (ANDERSON, 1989, p. 122).

Em relação ao papel da língua, a mulher representa importante perpetuadora da germanidade. É através da mãe que as crianças tomam contato com a língua e com a religiosidade. Sendo assim, Meyer salienta que “a língua alemã era, então, a ‘língua da mãe’ que transmitia/construía os valores culturais e a crença religiosa, modulava os sentimentos mais íntimos e os afetos familiares” (MEYER, 2000, p. 88).

Além da língua, da cultura e a trajetória semelhante como componentes de entrosamento do povo, a paisagem natural e cultural chamada de *Heimat* é considerada pelo ideário germanista como fator que favorece a sua caracterização e consolidação. O termo *Heimat* significa lugar onde se nasce, o lar de uma comunidade, indivíduo ou tribo, local de refúgio ou simplesmente terra natal. Entretanto, neste conceito está subentendido algo bem mais complexo na formação da etnicidade dos imigrantes germânicos.

O termo *Heimat* deriva de *Heim* (lar) e, nesse sentido, traduz-se na comunidade étnica construída pelos imigrantes. Isso evocava todo o processo histórico da colonização alemã que, nas representações étnicas, aparece como um processo civilizatório que transformou a selva brasileira inculta em prósperas comunidades. O conceito de *Heimat* inclui os dois princípios que marcam a identidade teuto-brasileira: a origem étnica alemã, vinculada ao direito de sangue, e a nacionalidade/cidadania brasileira, com o seu princípio territorial (SEYFERTH, 1994, p. 19).

A esta denominação acrescenta-se a relação que os indivíduos possuem com o espaço de origem. A perda ou ausência da *Heimat* pode ocasionar a perda de identidade ao indivíduo, pondo em risco a sua segurança material e emocional sobre a qual organiza a sua vida.

A constituição da *Heimat* é formada por dois elementos principais: o espaço, o lugar das atividades, do trabalho e das relações experienciadas pelos indivíduos e, também, o tempo em que este indivíduo permanece nesse local, vivenciando e lembrando aspectos do lugar que lhe fornecem valores e padrões adquiridos nesse espaço que podem formar a tradição. Assim, o indivíduo tem referência para sua vida pessoal na *Heimat*. De acordo com Arthur Blasio Rambo, *Heimat* “significa, portanto o espaço e o mundo comunal em que a pessoa nasce, cresce e se torna adulta e no qual se enraíza e com o qual desenvolve relações existenciais permanentes e indelévels” (RAMBO. In: MAUCH, 1994, pp. 43-53-48).

A religião também é considerada como parte integrante da identidade alemã e, por conseguinte, do germanismo. De acordo com Grützmann, “no ideário étnico-nacionalista, a religião cristã é promulgada como um dos fatores que unificam uma nação, consolidando, desse modo, sua identidade nacional e assegurando sua diferenciação em relação aos demais povos” (GRÜTZMANN, 1999, p. 85). Esta diferenciação, a que a autora acima se refere, diz respeito à Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero, em 1517, que contribuiu para consolidar a língua alemã, através da imprensa, a mais importante componente da ideologia germanista. O povo alemão se considerava eleito por Deus, ou seja, se considerava predestinado, principalmente pela reforma efetuada por Lutero, no século XVI.

Para Benedict Anderson, a reforma assume importante papel na definição do

caráter nacionalista alemão, pois é através da religião, ou mais precisamente através da interpretação da Bíblia, que se torna possível alcançar a mente humana, permitindo-lhe o livre pensar. Esta visão se torna mais consistente pelo fato de Lutero ter traduzido a Bíblia, libertando, assim, a nação alemã da dominação dos romanos através da língua vulgar impressa em alemão. Neste sentido, Anderson comenta que

Onde Lutero foi o primeiro, outros rapidamente se seguiram, dando início à colossal propaganda religiosa que avassalou a Europa toda no correr do século seguinte. Nessa gigantesca “luta para conquistar o pensamento dos homens”, o protestantismo sempre esteve basicamente na ofensiva, precisamente porque sabia como utilizar o crescente mercado da imprensa em língua vulgar que o capitalismo criava, enquanto que a Contra-Reforma defendia a cidadela do latim (ANDERSON, 1989, p. 49).

Apartir deste fato, evangelho, nação e germanidade estão profundamente interligados. Os componentes formadores do discurso germanista foram uma tentativa de manter e reforçar os valores nacionais e a tradição germânica.

No Rio Grande do Sul, podiam ser encontradas manifestações protestantes oriundas de dois sínodos distintos: o Missouri e o Rio-Grandense. O primeiro, vinculado ao protestantismo dos Estados Unidos da América, enviava pastores para dar assistência espiritual, propagando um discurso nacionalista brasileiro. O segundo estava atrelado ao protestantismo da Alemanha e seus pastores divulgavam o germanismo, ou seja, o nacionalismo alemão. Este último possuía uma representatividade maior nas zonas de colonização germânica. Devido a este fator, o seu discurso obteve maior respaldo junto aos protestantes germânicos.

René Gertz menciona que “certamente não se estará errando ao identificar o Sínodo Rio-Grandense, a organização eclesiástica que congregava a maioria das comunidades luteranas de tradição alemã, como a instituição mais representativa do cultivo do germanismo” (GERTZ, 2004, p. 2) O protestantismo, neste sentido, está diretamente relacionado com a tradição alemã.

Do lado dos luteranos agrupados nos sínodos que se submetiam ao luteranismo alemão, defendia-se uma igreja que, além de suas normais atribuições aclesiásticas, fosse também um *locus* de defesa e culto da germanidade entre os teuto-brasileiros, uma vez que o luteranismo era, para eles, concebido como uma religiosidade indissociável da cultura e da etnia onde fora gerado. Dessa forma, os luteranos que adotavam essa postura entendiam sua religiosidade como limitada à sua própria etnia e, portanto, em princípio, não extensiva às demais etnias que compunham a sociedade nacional. Por esta razão, não praticavam o trabalho missionário de evangelização indistintivamente transétnico, característico de outras modalidades protestantes que vieram aqui se instalar (JUNGBLUT in MAUCH, 1994, pp. 139-142-147).

Tendo em vista que os imigrantes que se instalaram no Sul do Brasil eram oriundos de uma tradição que considera a escolaridade e a religiosidade como valores a serem

traduzidos, manifesta-se a organização comunitária através da construção da escola e da igreja. A construção e manutenção das mesmas somente foi possível pela atuação direta dos interessados, onde a assistência espiritual e educacional era prestada por leigos, no período inicial, e ministrada em língua alemã. Neste período não havia diferenciação dos espaços da Igreja e da escola, mas, apesar disto, atuam como elementos simbólicos da comunidade, tanto católica quanto protestante. Neste sentido, Giralda Seyferth argumenta que

Nesse caso, a organização comunitária que deu características próprias às diversas “colônias” – sem apresentar motivação de natureza étnica no início – passou a ser acionada como símbolo identitário, paradigma de distinção a legitimar pertencimentos primordiais, referenciados à concepção de nacionalidades diversas da brasileira (SEYFERTH, 2000, p. 149).

Assim sendo, o discurso homogeneizador passa a ser construído através da organização comunitária, em que as escolas e a igreja são erigidas, tendo o alemão padrão como língua predominante. Portanto, a língua passa a ser um símbolo cultural dos imigrantes e seus descendentes e torna-se referência entre os mesmos. Esta referência que os identifica é também a que marca a diferença com a identidade de outros grupos.

Na formação da etnicidade teuto-brasileira, os integrantes das sociedades ou associações de tradição germânica, fazem uso do discurso da manutenção da germanidade, das tradições e do caráter integrador entre as comunidades, homogeneizando a tradução das tradições culturais, ditas alemãs, para justificar a sua função. Neste sentido, René E. Gertz afirma:

São criadas e fomentadas instituições que têm a finalidade de promover a segregação da população de origem alemã, incentivando-se a fundação de associações recreativas e culturais, jornais, escolas, igrejas. As lideranças dessas instituições muitas vezes conclamavam a população a não casar com pessoas de outra etnia, a não abandonar sua língua, a não se “meter em política”, pois o envolvimento político era considerado um dos mais perigosos elementos para a perda da “germanidade” (1994, p. 30).

Entretanto, Gertz alerta que nem todas as instituições que surgiram nas zonas de colonização germânica tiveram a promoção do germanismo como objetivo específico. Argumenta que as escolas e as associações foram instrumentos para fomentar o germanismo, apenas num segundo momento, sendo que as escolas rurais surgiram pela ausência de outra espécie de escola e as associações recreativas e culturais destinavam-se ao lazer. No mesmo sentido Seyferth salienta que

A comunidade étnica formalizada é assumida como endogâmica e definida por um conjunto de elementos concretos que servem como limites a separá-la dos “outros”, entre os quais se destacam o uso cotidiano da língua alemã, a escola comunitária, as instituições culturais (como as sociedades de canto e dança, por exemplo), as sociedades esportivas associadas a ideais nacionalistas, como as

Turnvereine (sociedade de ginástica) e as *Schützenvereine* (sociedades de tiro), além das características mais óbvias relacionadas ao estilo de vida e a uma ordem econômica e social derivada da experiência comum da colonização (SEYFERTH, 1994, p. 108).

Percebe-se que estes elementos mencionados pela autora são imprescindíveis para a manutenção da germanidade nos moldes concebidos pelos filósofos do século XIX e, por conseguinte, são incorporados pelos imigrantes, oriundos de diferentes regiões da Europa germânica, que se estabeleceram no Sul do Brasil, na formação da etnicidade dos teuto-brasileiros, referindo-nos mais especificamente, àqueles que ocuparam a região de Santa Cruz do Sul, principalmente pelo período em que acontece o maior fluxo imigrantista.

Entretanto, a unificação de elementos heterogêneos num universo cultural que se pretendia homogêneo e integrador foi possível, pelo menos na ordem do discurso, a partir de estratégias de pertencimento que podemos chamar, para usar a metáfora de Zigmunt Bauman, de “auto-guetificação” (2003). Esta auto guetificação é percebida no espírito comunitário, cujo associativismo pode ser destacado como um importante elemento gerador dos códigos unificadores da cultura. Estas comunidades, mesmo em seu fechamento, constituem o que Bauman chama de “comunidade dos sonhos”, e estas incorrem no risco de construir, para si e para os outros, falsas idéias da existência. Existência, vale notar, considerada do ponto de vista de sua naturalização ou essencialismo. Neste sentido, Bauman ressalta que

Essa comunidade dos sonhos é uma extrapolação de lutas pela identidade que povoam suas vidas. É uma “comunidade” de semelhantes na mente e no comportamento; uma comunidade do mesmo – que, quando projetada na tela da conduta amplamente replicada/copiada, parece dotar a identidade individualmente escolhida de fundamentos sólidos que as pessoas que escolhem de outra maneira não acreditariam que possuísem. Quando monotonamente reiteradas pelas pessoas em volta, as escolhas perdem muito de suas idiossincrasias e deixam de parecer aleatórias, duvidosas ou arriscadas: a tranquilizadora solidez de que sentiriam falta se fossem os únicos a escolher é fornecida pelo peso impositivo da massa (BAUMAN, 2003, p. 61).

A formação da comunidade, no caso em pauta, implica a etnização do grupo, o que, por outro lado, permite a criação de códigos de exclusão e inclusão. É este o processo em que se pode vislumbrar existência no mundo enquanto “minorias étnicas”. Para Bauman,

Elas parecem reter plenamente o caráter atributivo do pertencimento comunal, a condição da reprodução contínua da comunidade. Por definição, no entanto, a atribuição não é questão de escolha; e de fato as escolhas que intervêm na reprodução das minorias étnicas enquanto comunidades são produto de coação mais que de liberdade de escolha (BAUMAN, 2003, p. 82).

Estar agrupado na categoria de “minorias étnicas” pressupõe uma organização em comunidade, num espaço específico, numa temporalidade comungada por todos. Porém,

a existência do chamado “Outro” dentro do espaço comunitário implica a relação com a diferença e alteridade que, vale lembrar, contribuiu para a própria definição da comunidade. O processo de isolamento comunitário é possível em função deste “Outro” que, se não é desejado, pelo menos é necessário, mesmo estigmatizado. Os *outsiders* são necessários para a legitimação identitária dos *estabelecidos*, para usar os termos de Elias e Scotson (2000).

Podemos inferir que a estigmatização, no que se refere aos teuto-brasileiros acontece em dois sentidos, porém em momentos distintos: o primeiro em meados do oitocentos, quando os imigrantes germânicos são assentados em colônias circunscritas espacialmente, separados dos demais grupos, provocando, assim, o isolamento étnico, caracterizando-se como *outsiders*; o segundo, por sua vez, acontece num período posterior, ou seja, no final do século XIX e início do século XX, quando estes mesmos imigrantes e seus descendentes estigmatizam aquele que vem de fora dificultando o convívio entre ambos os grupos, neste caso caracterizam-se como *estabelecidos*. No caso específico dos teuto-brasileiros, a aparência física e a diferença lingüística funcionam como diferenciadores e/ou identificadores identitários. Neste sentido, a comunidade dos estabelecidos, no caso os teuto-brasileiros, mantém seus discursos germanistas através da endogamia. O casamento deveria se dar entre os membros da mesma comunidade étnica/cultural.

O discurso de manutenção da germanidade, proferido pelos integrantes das associações de tradição germânica da região de Santa Cruz do Sul, não é somente o de garantir que os descendentes dos imigrantes sobrevivam, mas também unir todos os “alemães” e seus descendentes em torno de uma “comunidade imaginada”, usando o termo de Benedict Anderson, onde fronteiras políticas e geográficas não influenciariam na integração dos mesmos, numa clara referência ao nacionalismo germânico. A comunidade teria como função manter um elo e uma corrente, numa visão orgânica, onde cada integrante é ao mesmo tempo, corpo e membro e sua cooperação é imprescindível para evitar divisões.

A construção da identidade de determinado grupo não pode ser dissociada da narrativa construída por seus membros, podendo resultar, desta forma, em cristalizações discursivas. Por este caminho acontece, não raras vezes, o isolamento deste grupo frente aos demais. Embora talvez não de forma intencional, tão clara e objetiva, os integrantes das associações de tradição germânica da região de Santa Cruz do Sul se utilizem desses elementos na formação do discurso de homogeneidade de valores e tradições germânicas que teriam sido “herdadas” dos antepassados. Assim sendo, a narrativa identitária da comunidade visa a busca da unidade (na diferença) entre seus integrantes e a consolidação das tradições.

III

O expressivo número de associações de tradição germânica que surgiram a partir da segunda metade do século XIX na região de Santa Cruz do Sul torna necessárias algumas considerações acerca do papel destas associações para a organização comunitária e para a construção da identidade cultural dos imigrantes e seus descendentes. Na perspectiva da análise de discurso são destacados os elementos mais significativos que constituíram a chamada *Comunidade Imaginária* da Região de Santa Cruz do Sul. Problematizamos nesta

relação entre associativismo e narrativa identitária a idéia de que as associações seriam uma importação do modelo alemão. Neste sentido, questiona-se a concepção presente na historiografia de que o associativismo é uma importação, ou ainda, um elemento “trazido” na “bagagem” cultural dos imigrantes alemães para o Sul do Brasil.

As festas, atividades, jogos, torneios, entre outros, que, de modo geral, as associações de tradição germânica⁴ realizam são remetidos, em sua tradição mais longínqua, à “herança” dos primeiros imigrantes. Lucien Febvre faz a seguinte afirmação, a partir da qual podemos encontrar elementos que permitam inferir que os jogos e torneios com cavalos eram uma prática na Alemanha:

O fato importante e único, é que no final do século XVIII surgiu o mito glorioso de um germanismo criador da Idade Média (feudalidade, cavalaria, arte gótica) e, ao mesmo tempo, do mundo moderno (Lutero, a Reforma, os direitos da consciência). É que, tanto tempo desprezados e considerados incapazes de inventar, os bárbaros, levantando a cabeça, saudaram com orgulho seus ancestrais alemães: aqueles cujo gênio original fez surgir a rainha das naveas medievais, Colônia; pelo menos, é o que eles proclamam. Aqueles que engendraram (eles o escrevem, acreditam nisso e fazem com que se acredite) a cavalaria e seus torneios, a escolástica e suas disputas (FEBVRE, 2000, p. 203).

Podemos encontrar, através do texto citado, elementos que contribuem para a formação do nacionalismo germânico, ou seja, a retomada do “mito glorioso” criado na Idade Média e, em consequência disto, o orgulho dos ancestrais alemães. Esta volta à ancestralidade recorda a cavalaria e seus torneios. A menção destes fatos permite inferir que os *Cavalarivereine* (Sociedades de Cavalaria) são oriundas destas práticas medievais. Entretanto, no Sul do Brasil, o associativismo desdobrado nas sociedades esportivas, recreativas e culturais traduzidas pelos imigrantes e seus descendentes, assumia o papel de divulgador e perpetuador da cultura germânica e foi estratégico para a formação do chamado “cimento constitutivo das comunidades” e se constituiu como verdadeira entidade de defesa. Entretanto, neste caso, a defesa seria dos valores e tradições culturais traduzidas para a região de colonização.

A construção e manutenção da germanidade, através das associações de tradição germânica, foram traduzidas a partir de dois elementos importantes que consistiam nas atividades anuais de festa e competição que assumiam caráter simbólico representativo da cultura alemã, através do uso da língua e dos trajes tradicionais com que os sócios atiradores participavam das competições, ou seja, “se apresentavam fardados, numa evocação à origem germânica desta tradição” (SEYFERTH, 1999, p. 27). As festas anuais, com desfile de seus integrantes em fardas com caráter militar, evocam ao nacionalismo romântico alemão em que a comunidade adquire importância vital para a tradução da germanidade, justificando-se, desta forma, como espaço imprescindível para a formação da identidade cultural.

Por sua vez, Ernesto Pellanda, em trabalho publicado em 1945, se refere à adoção de usos e costumes gaúchos em atividades recreativas dos imigrantes germânicos e seus descendentes. O autor ainda faz menção à formação de uma linguagem colonial muito

diversa do alemão padrão falado na Alemanha. Pellanda argumenta que acontece a incorporação de elementos culturais nos imigrantes, de forma gradativa, “sem interferência formal ou oficial”.

Não é outra coisa o que vimos demonstrando, há anos, ao comprovar a adoção de usos e costumes gaúchos pelos colonos, cujas temidas “*Cavallarie Vereine*” não eram mais que agremiações para o culto de nossas cavalhadas, e a formação no meio colonial de um linguajar, incompreensível para o alemão da Europa, em que não apenas grande parte do vocabulário, mas a construção da frase é tipicamente portuguesa, até mesmo quando afirma: “*Ich bin deutsch*” (PELLANDA, 1945, p. 117).

A menção do autor sobre o linguajar dos descendentes germânicos, bastante descaracterizada, ou seja, a incorporação de vocabulário e a construção das frases aos modos portugueses nos permitem dar conta da formação de uma cultura híbrida. A percepção de que elementos de culturas com as quais o grupo germânico possui contato são incorporados em atividades recreativas, esportivas e culturais permite inferir que a cultura existente na região colonial é resultado de assimilações ocorridas ao longo do processo de adaptação dos imigrantes alemães e seus descendentes. Estas mantiveram os seus costumes e os adaptaram à realidade em que se encontravam num processo que Bhabha chamaria de tradução cultural, que corresponde a cultivar aquelas tradições trazidas da terra natal e adaptá-las à realidade da nova terra, dando origem a uma terceira. Neste sentido,

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Esta arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 2003, p. 27).

Vale lembrar que as associações em geral tinham como objetivo defender os valores e tradições que acreditavam terem herdado dos antepassados vindos do além-mar. As associações acabaram por construir um discurso de defesa da germanidade, constituindo um universo simbólico e uma cosmovisão que traduzia, no Sul do Brasil, mais o desejo do que a cultura alemã. Contudo, a eficácia simbólica dos traços culturais advindos dos primeiros imigrantes foi, com certeza, elemento fundamental a partir do qual a narrativa identitária germânica foi estruturada. Assim, as associações têm um caráter conservador e excludente no seu discurso identitário e essencializam a cultura e a etnicidade como dados concretos e naturalizados.

Os valores culturais e étnicos dos teuto-brasileiros podem ser analisados a partir de signos da memória individual representando, assim, a memória coletiva e estes são constantemente reelaboradas e reinterpretadas. A memória cultural e étnica possibilita a

invenção ou redefinição das tradições e estas são marcadas pela descontinuidade dos registros de tempo e pela heterogeneidade dos níveis que são compostos na “dimensão do tempo no espaço e do espaço cultural no tempo da memória” (TEDESCO, 2004, p. 254). Costuma-se dizer que as narrações imitam a vida, mas, no fundo, é a vida que imita as narrações. As narrações formam esquemas que permitem entender a realidade e que auxiliam na produção da percepção do mundo (TEDESCO, 2004, p. 252). O discurso étnico cria a etnicidade da mesma forma que o discurso acerca da identidade cultural tece o roteiro da cultura de uma comunidade.

A análise das entrevistas realizadas com associados na região de Santa Cruz do Sul permite dar uma maior dinâmica ao estudo das narrativas identitárias germânicas na região. O discurso acerca do pertencimento espaço-temporal, como definidor da identidade e do reconhecimento do sujeito na história, é revelado de forma ambígua nas entrevistas. O fato de se perceberem como membros de duas nações implica o pertencimento difuso de estarem em espacialidades diferentes, bem como em temporalidades dissociadas. Isso é importante na medida em que os imigrantes, ao construírem estratégias de pertencimento, precisam lidar com uma “identidade” de partida e com uma “identidade” forjada a partir da chegada. Isso implica que a identidade dita alemã, que não raras vezes é considerada como “trazida na bagagem”, como um dado concreto e imutável, pertencente a um tempo que não existe mais. É nesse sentido que se pronuncia tantas vezes a necessidade de preservar, manter, guardar, resgatar. Vale a reprodução das seguintes passagens que suscitaram as considerações acima. No depoimento nº 5, o entrevistado faz a seguinte afirmação: “embora a gente tenha sangue alemão, mas entre o alemão e brasileiro, nós somos brasileiros hoje, nós nascemos aqui”. Assim sendo, a memória remete a um pertencimento ambíguo: à Alemanha pelo sangue e ao Brasil por nascimento. Esta ambigüidade Marc Augé chama de lugar e não-lugar. Neste sentido, “o lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente” (AUGE, 1994, p. 74). Na mesma direção, Homi Bhabha caracteriza esta ambigüidade como os “entre-lugares”. De acordo com o autor,

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade (2003, p. 20).

A significação dos “Entre-lugares”, no que diz respeito aos imigrantes e seus descendentes é explicitada em diversos momentos nas entrevistas, pois a perspectiva de pertencimento à nação de partida – do indivíduo ou seus antepassados – e o pertencimento ao lugar do presente, colocam em simultaneidade diversos códigos culturais. A pretensão de pertencimento a algo que não existe mais no presente vivido do sujeito promove a elaboração discursiva de uma continuidade do passado no presente. A *Heimat* é atualizada, assim, numa lógica híbrida, pois não há como contornar a cosmovisão do tempo presente.

Daí a tentação de naturalizar a tradição, a cultura, como mecanismo de defesa da perda de identidade imaginada. Assim, observam-se termos como bagagem cultural ou tradição herdada. A idéia da pátria deixada no passado como uma pátria perdida remete à necessidade imperante de reconstrução permanente da nação imaginada.

No caso da identidade teuto-brasileira, a comunidade é lembrada a partir de dois critérios: o espaço onde são exercidas as atividades, o trabalho e as relações sociais; e o tempo em que os indivíduos permanecem neste lugar. A comunidade torna-se relevante em função do indivíduo e/ou grupo ter vivenciado valores e padrões que contribuem na formação da identidade e que são relembrados constantemente em função do significado simbólico que este espaço e este tempo adquirem. O entrevistado nº 7 se refere à comunidade como o espaço de vivências positivas: “O que era comum, e esta era a lei das comunidades, entre eles, em cada comunidade existia uma escola, um pedaço de terra, [...] que antigamente não tinha outra condução, o professor precisava de suas vacas e cavalos e também o pastor de onde era a sede”. Esta fala também revela a importância que era dada à organização comunitária de escolas e Igrejas. O bem-estar do professor e do pastor ou padre era uma preocupação constante e remete ao valor dado à escolaridade e à vida espiritual, que no dizer do depoente “esta era a lei das comunidades”.

Outro elemento significativo na formação da identidade teuto-brasileira foi a língua, e no caso específico, a alemã. Esta contribuiu para o reforço dos valores comunitários e é remetida a Alemanha para justificar seu uso. O entrevistado nº 15 justifica esta prática nos seguintes termos: “Quando eu ia para a escola, era tudo em alemão. Eu fui com um professor alemão, ele veio do além-mar, ele era da Alemanha”. Esta fala justifica a manutenção da língua alemã em áreas de colonização germânica do Sul do Brasil. A contratação de alguns professores vindos da Alemanha, e outros, embora nascidos no Brasil, que não conheciam a língua portuguesa favoreceu a manutenção da língua alemã como elemento de identificação dos teuto-brasileiros. Por sua vez, alguns professores eram contratados pelas lideranças das escolas comunitárias e, por isto, ensinavam em alemão, o que favoreceu a manutenção dos elementos germanistas nas comunidades teuto-brasileiras.

É importante frisar que em diversos momentos os entrevistados referem-se ao nazismo. O que é interessante é que o nazismo acaba por ter um efeito desestruturador da própria “*Heimat* colonial”, pois do nazismo em diante a referência à Alemanha deve ser seletiva e, neste processo, a *Heimat* se torna ameaçada pelo germanismo do nacional-socialismo. Era como se o nazismo alemão acabasse por vitimizar os imigrantes no Brasil. Falar da própria *Heimat* acaba por explicitar um posicionamento nacionalista, em que nazismo é a maior referência. Era necessário maior fechamento cultural para preservar no universo comunitário e familiar o discurso identitário que organizava o pertencimento simbólico: a germanidade. O entrevistado nº 7 refere-se lamentando a afirmação de um político conhecido da comunidade no período da Campanha, que afirmou: “É, foi violento o que esse disse no seu discurso: ‘Se eu soubesse a veia que eu tenho no meu braço, que é sangue alemão, eu cortava a veia’”.

Esses depoimentos revelam elementos do nacionalismo germânico, principalmente no que se refere à dita superioridade racial ariana, existente já no período do processo

migratório para o sul do Brasil. Por sua vez, a organização de núcleos nazistas no Sul do Brasil (VOGT, 2002) é mencionada pelo mesmo entrevistado nº 24 e analisa esta expansão como fator de interesse por parte do governo nacional-socialista no germanismo existente nas comunidades teuto-brasileiras.

(...) nazistas que já estavam se espalhando também para o Brasil, e que estavam aqui no Brasil para se aproveitar do germanismo, isto é, do cultivo da língua, dos costumes, da culinária e dos hábitos que os teuto-brasileiros herdaram dos imigrantes alemães que vieram aqui desde 1824.

Estas desconfiças e a existência, de fato, de simpatizantes do nazismo, entre os descendentes de alemães, foram o real motivo da repressão no Estado Novo no município de Santa Cruz do Sul e, na direção de nossa reflexão, um fator importante para a mudança de discurso sobre o “valor” da *Heimat*⁵. Isso implica também em perceber a *Heimat* estruturada num tempo homogêneo e linear que não suporta a fragmentação ou a diferença.

O fato de os imigrantes manterem um discurso homogeneizador da *Heimat* enquanto elemento estruturante de suas comunidades e, ao mesmo tempo, terem consciência que uma outra língua deve ser apreendida para a própria sobrevivência da comunidade, revela uma relação/tensão com a alteridade. A constituição identitária, considerando a assertiva acima, por si só deve ser mensurada a partir de sua hibridização. O entrevistado nº 1, ao ser questionado sobre o uso da língua alemã, por parte dos professores, no contexto da campanha de nacionalização, faz a seguinte afirmação: “não, ninguém disse nada, porque todos os pais sabiam que seus filhos teriam que estudar e mais tarde seus filhos teriam que saber, como se diz, a língua da terra, sabe. (...). Já que era brasileiro tinha que saber falar a tua língua”.

A narrativa trágica, encontrada no discurso dos depoentes, que remete ao período da Campanha de Nacionalização instaurada no Estado Novo de Getúlio Vargas, deixa entrever uma vitimização por parte dos integrantes das associações. Estas, por sua vez, passam a ser reforçadas justamente pela falta, pelo trágico, pela ameaça à *Heimat*. Ou seja, a identidade é construída a partir do discurso de sua perda, de sua fratura, da ameaça de sua finitude. O confisco dos objetos e adereços das sociedades pode ser visto como perda simbólica da própria identidade dos teuto-brasileiros. As associações são alvo constante da campanha, pois ao fragilizarem as sociedades comunitárias, através da apreensão de seus símbolos, o Estado visava fragilizar a própria comunidade imaginada.

Dentre os utensílios simbólicos presentes nas sociedades que se referiam aos rituais da comunidade destacam-se espadas usadas para ornamentação em cerimônias, lanças, *salões*⁶, vestimentas, bandeiras, estatutos, livros, a própria língua alemã, entre outros. Estes utensílios, na época da campanha de nacionalização, eram apreendidos por serem considerados manifestação de germanidade. O depoimento nº 15 diz o seguinte: “Eu acho que houveram mais sociedades que tiveram as espadas apreendidas. Porque existiam as espadas como recordação, para comandar”. Por último o depoimento nº 4 se refere às espingardas e bandeiras: “Meu pai cuidava da espingarda e da bandeira, por isso eu sei de tudo, teve que entregar tudo”.

Os teuto-brasileiros, por sua vez, percebiam a campanha como uma ameaça a sua

identidade, visto que elementos simbólicos desta identificação estavam sob suspeita. No depoimento nº 16 percebemos este receio no que se refere à língua alemã:

Em primeiro lugar foi proibido falar o alemão, e tinha escuta por parte dos representantes do governo, que estavam sempre escutando assim, nas portas lá, onde se falava o alemão. Então foram avisados e muitas vezes interrogados ou presos. E aconteceu que escutaram, logicamente que eles escutavam rádio alemã, muitos por interesse, no começo, sim porque tudo era de origem alemã, para ver como estava a guerra. Então tinha muitos por aí que escutaram nas portas para ver se escutaram. [...] quando viram que a rádio estava em funcionamento, simplesmente prenderam o pessoal.

No que se refere às relações das comunidades teuto-brasileiras, com maior ênfase as protestantes, com indivíduos ou grupos de outras etnias, é preciso ressaltar o senso de pertencimento étnico e as dificuldades com a alteridade. Na realidade, o que se observa é uma dificuldade muito grande em aceitar outras etnias. Os chamados forasteiros à comunidade são percebidos como ameaças. São, vale notar, ameaça à “pureza” da comunidade e ao seu isolamento. As dificuldades mencionadas acima são explicitadas quando se trata das entrevistas que chamam a atenção para a campanha de nacionalização.

As atividades culturais, esportivas e recreativas das sociedades foram suspensas em função das proibições do uso de elementos simbólicos do germanismo. O depoimento da entrevista nº 7 enfatiza a proibição de manifestações culturais em língua alemã e, por este motivo, as sociedades foram desativadas até se adequarem às concepções nacionalistas.

Parou, parou, isto depois de anos, que eu ajudei a reorganizar de novo, mas não chegou mais ao mesmo, houve um espaço muito grande, porque eles não entendiam porque as sociedades não podiam se reunir mais, as damas não podiam se reunir mais, isto é só para falar alemão, então foi proibido tudo.

Os depoimentos até aqui analisados permitem afirmar que a identidade teuto-brasileira não foi construída por importação ou herança, mas sim pela tradução de elementos referentes à cultura alemã na sociedade imigrantista e pela resignificação da tradição em termos de tempo presente. As associações, ao pretenderem o resgate e a manutenção do germanismo atuavam, como estratégicas na construção do discurso identitário que visava a dar uma linearidade à cultura alemã em terras coloniais, o que se mostrava fértil para a construção de narrativas homogeneizadoras. Contudo, ao promover a manutenção das tradições, o que as associações ativavam foram os mecanismos de exclusão da alteridade e reificação da *Heimat* enquanto uma essência civilizadora do “povo alemão”. Ao ativar este mecanismo, as associações contribuíram para o enclausuramento das comunidades, que pode ser dimensionado pelo impacto da campanha de nacionalização. O germanismo mostra sua fragilidade justamente ao ser obrigado a narrar sua identidade frente à alteridade, fora da clausura comunitária. E isso porque o germanismo se revela um discurso que nega o fato incontornável de seu hibridismo.

Para ilustrar as dificuldades do comunitarismo teuto-brasileiro com a alteridade analisamos a seguir alguns depoimentos relevantes nesta direção. O caráter homogêneo do discurso associativo está explicitado na seguinte passagem do depoimento nº 6: “Aqui

nós temos uma comunidade aqui como poucas em todo o Brasil. Aqui tem cento e tantos sócios, eu já ri muitas vezes, eu disse que não tem caboclo, não tem gringo e muito menos negro”.

Em relação aos negros, um depoimento interessante revela a dinâmica das relações identitárias e demonstra a precariedade das abordagens que insistem em essencializar a cultura e negar sua historicidade. O depoimento nº 4 traz a seguinte ilustração das questões que analisamos até aqui:

A velha Mãe, criou duas crianças brasileiras, um menino preto e a menina não era tão preta, e o menino foi para o quartel, e eles o maltrataram tanto. – E o rapaz falava alemão no quartel. – Sim não sabia, a velha avó não sabia falar em brasileiro. – E ele disse que não sabia falar em brasileiro: “Imagine, tu não saber brasileiro”. Colocaram ele na cadeia.

É importante ressaltar que a língua era uma das principais marcas da identidade das comunidades teuto-brasileiras. Contudo, no caso em pauta, ela não serve para designar a identidade cultural da comunidade, pois o fato de um negro ter sido criado e educado na comunidade e falar com fluência a língua, obriga o discurso identitário a assumir a racialização ou etnização da identidade. Não basta falar a língua, é preciso a licença racial. Ser negro, mas falar alemão obrigava a narrativa da comunidade imaginária a ressaltar a “raça” como estruturante da identidade cultural. O negro foi interditado, em que pese usar a língua com fluência e ter sido educado nos padrões da “*Heimat*”. Nesse sentido, ainda, a *Heimat* é naturalizada a partir de sua condição étnica, leia-se raça ariana, alemã.

A análise realizada sobre o associativismo na região de Santa Cruz do Sul, no que se refere às relações entre o associativismo e as narrativas identitárias dos teuto-brasileiros, remete à questão da tradução dos elementos do germanismo nacionalista pelas associações recreativas, esportivas e culturais. Neste sentido, questionamos a concepção presente na historiografia de que o associativismo é uma importação do modelo associativo alemão, ou ainda, um elemento “trazido” na “bagagem” cultural dos imigrantes alemães para o Sul do Brasil. As entrevistas com associados e pessoas ligadas à sociedade apontam para a tradução de elementos do nacionalismo germânico por parte dos integrantes das associações na formação discursiva acerca da identidade teuto-brasileira. O que se verifica é a formação de uma narrativa identitária que revela os elementos que constituíram a chamada *Comunidade Imaginária* da região de Santa Cruz do Sul, caracterizando, assim, uma tradução cultural.

No que se refere às relações das comunidades teuto-brasileiras, com indivíduos ou grupos de outras etnias, ressalta-se o senso de pertencimento étnico e as dificuldades com a alteridade. Na realidade, foi constatado que a organização comunitária é segregadora, pois se observa uma grande dificuldade em aceitar outras etnias, que passam a ser percebidas como ameaças à comunidade. Vale destacar, ameaça à “pureza” da comunidade e ao seu isolamento.

A campanha de nacionalização do Estado Novo de Getúlio Vargas alimentou a narrativa trágica no que se refere ao processo de desconstrução das narrativas identitárias de cunho germânico na região de Santa Cruz do Sul. A narrativa trágica encontrada no

discurso dos depoentes permite inferir que a identidade é construída a partir do discurso de sua perda, de sua fratura, da ameaça de sua finitude, caracterizando, assim, uma discursividade vitimizadora por parte dos integrantes das associações. Esta identidade, por sua vez, passa a ser reforçada justamente pelo trágico, pela falta, pela ameaça à *Heimat*. O confisco de objetos representativos para os integrantes das sociedades pode ser visto como perdas simbólicas da própria identidade dos teuto-brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre associativismo e identidade cultural na região de Santa Cruz do Sul revelam os mecanismos utilizados na ordem do discurso identitário que tendem à fixação da identidade como uma essência inerente à etnia germânica. O que se observa é que este discurso naturalizador não é monopólio das instituições diretamente implicadas na produção de narrativas culturais da comunidade, dentre as quais as associações de tradição germânica, mas a própria historiografia acaba por ratificar este posicionamento, ou seja, a historiografia funciona também como mitificadora do essencialismo germânico ou da pureza identitária.

Ao reposicionarmos a categoria identidade cultural a partir do paradigma da diferença, conforme o viés dos “Estudos Culturais”, foi possível redimensionar a análise das narrativas identitárias na região de Santa Cruz do Sul. Para tanto, optamos por focar uma instituição que consideramos estruturante na formação das comunidades “teuto-brasileiras”, ou seja, o associativismo. As associações recreativas, esportivas e culturais tornaram-se espaços onde foram traduzidas as tradições, valores e cultura germânicas. Estas associações foram também importantes veículos divulgadores do germanismo a partir do proselitismo da língua, da ancestralidade do povo, das mitificações históricas e de atributos étnicos e valorativos como a disciplina, a ordem, o *ethos* do trabalho, entre outros.

Neste processo organizativo, os membros das referidas comunidades se posicionam de forma tal, que não permite a incorporação de indivíduos de outras etnias, caracterizando-se assim como segregadora. Os elementos inerentes ao nacionalismo germânico como língua, religião, *Heimat* e povo contribuem para esta segregação. A utilização da língua alemã por parte dos teuto-brasileiros em suas manifestações culturais remete à exclusão daqueles que não a conhecem e, em vista das associações terem feito uso da mesma nas atividades cotidianas, impedia o estabelecimento de uma relação com a alteridade. O “fechamento” cultural das associações traduz o próprio fechamento comunitário. O discurso acerca da *Heimat* observado nas entrevistas demonstra esta fixação dos elementos culturais que produzem o que chamamos, tomando emprestado de Bauman, “processos de auto-guetificação”. A *Heimat* pode ser considerada neste sentido como a mais poderosa agregadora das características culturais que constituem a comunidade imaginária teuto-brasileira.

A campanha de nacionalização do Estado Novo coloca em questão a própria comunidade imaginada da *Heimat*, vale dizer, motivo de orgulho para os teuto-descendentes, e esta passa a ser um problema para os mesmos. Os discursos dos integrantes das

associações revelam elementos que colaboraram na formação da identidade étnica/cultural, muito embora, após o período repressivo, transforma-se em narrativa trágica, justamente pela falta, pela ameaça a estes elementos, caracterizando-se, assim, como discurso vitimizador.

As análises acerca da História e cultura regionais, ao serem revisitadas a partir da perspectiva dos "Estudos Culturais", balizados pelo paradigma da diferença, tornam-se fundamentais para o entendimento da própria dinâmica do Desenvolvimento Regional, pois entre a diversidade de elementos a partir dos quais pode-se falar em região, ou mesmo em Desenvolvimento Regional, destacamos a contribuição do estudo das narrativas acerca da identidade cultural/regional.

Identity narratives and associationism of german tradition in the region of Santa Cruz do Sul: the regional identity discourse

ABSTRACT

Among the themes related to Regional Development, we highlight the studies of cultural/regional identity. In this perspective, the objective of this research consists on the analysis of the identity narratives by the study of the associationism of German tradition in the region of Santa Cruz do Sul. The investigation of the influence of associationism in the construction of the cultural identity has as chronological landmark the beginning of the colonization process by German immigrants in the region of Santa Cruz do Sul and extends to the nationalization campaign of Getúlio Vargas' New State. This delimitation is due to the fact that the associationism practically started with the colonization while the Vargas Era imposed another dynamics in the elaboration of the German identity discourse due to the repression in the nationalization campaign during the World War context. The conclusions in this research point to the cultural translation of the elements of German tradition in this cultural/regional identity and intend to demonstrate the importance of *hybris* in the identity construction of the German-Brazilians in the region of Santa Cruz do Sul. The cultural/ethnic/regional identity is analyzed, then, as a discourse of differentiation and belonging. A discourse structured not by the essentialism of the culture, but by its alterity.

Keywords: German immigration. Associationism. Identity narratives. Regional/cultural narrative.

Notas

* Docente e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional – UNISC, Brasil.

** Graduada em Estudos Sociais – Habilitação em História - pela UNISC e Mestre em Desenvolvimento Regional.

- 1 Sobre as associações de tradição germânica ou Vereine, sua organização e seus rituais trataremos mais adiante.
- 2 A título de ilustração Reich significa império. O Primeiro Reich foi o Sacro Império Romano-Germânico do Ocidente; o Segundo Reich, criado em Versalhes em 18 de Janeiro de 1871; e o Terceiro Reich que foi instalado no governo ditatorial de Adolf Hitler.
- 3 Termo da língua alemã que pode ser traduzido como pátria, derivando de Heim (lar). Pode ser entendido ainda como terra-natal.
- 4 Sobre o funcionamento das mesmas ver: KIPPER (1967) e VOGT (2004).
- 5 Nos jornais da época, encontramos duras críticas ao fechamento das sociedades, principalmente por parte do Verband Deutscher Vereine (VDV), de Berlim, à qual algumas sociedades de Santa Cruz do Sul eram filiadas. Como algumas sociedades de origem germânica estavam filiadas ao VDV, e por isto recebiam verbas e equipamentos da Alemanha, acreditava-se que todas estavam ligadas. O principal motivo da repressão foi, justamente, o de haver desconfianças quanto à ligação com o partido nazista (NSDAP - National Sozialistische Deutsche Arbeiter Partei). Ver HANSEN, Willy. Zur Schliessung der deutsche Vereine in Santa Cruz. "Volkstimme" do dia 26 de março de 1936.
- 6 Salão é a denominação dada a um certo tipo de arma de fogo, de alta precisão e longo alcance, usado em torneios de tiro-ao-alvo.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- AZAMBUJA, Lissi Iria Bender. *Língua Alemã: um legado dos imigrantes alemães para Santa Cruz do Sul – RS*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FEBVRE, Lucien. *O reno: história, mitos e realidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. 7 ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- GERTZ, René E. A construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.) *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p. 29 – p. 40
- _____. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.

- _____. *O Brasil nos anos 30 e a ideologia germanista: um estudo de caso*. Disponível na Internet: <<http://www.derechos.org/nizkor/brazil/libros/neonazis/cap7.html>> Acesso em: 01-12-2004
- GRÜTZMANN, Ingrid. *A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul*. Curso de Pós-graduação – Faculdade de Letras - PUC-RS, 1999.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- _____. *Quem precisa de identidade?* In: Silva, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- _____. *A questão da Identidade Cultural*. Textos didáticos – IFCH – UNICAMP. N° 18, Campinas, São Paulo, 1995.
- HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- _____. *A era das revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. *O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações para uma abordagem antropológica*. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. (Org.) *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p. 139 – p. 147.
- KIPPER, Maria Hoppe. *Sociedade de Cavalaria em Área de Colonização Alemã (Santa Cruz do Sul - RS)*, Dissertação de Licenciatura. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, 1967.
- MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.
- MEYER, Dagmar E. E. *Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC/ Sinodal, 2000.
- PELLANDA, Ernesto. *O colono alemão, o Deutschtum, o nazismo, e a sua recuperação nacional*. *Província de São Pedro*, n° 2, p. 110 – p. 123. Set/1945. Porto Alegre: Globo, 1945.
- PETRY, Leopoldo. *Historia da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermond & Co., 1939.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- RADÜNZ, Roberto. *A organização social dos alemães no Vale do Rio Pardo*. In: VOGT, Olgário Paulo; SILVEIRA, Rogério L. L. da. *Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001, p. 147 - p. 164.

- RAMBO, Artur B. *nacionalidade e cidadania*. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.) *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p. 43 – p. 53.
- ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- _____. *As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional* In: *Horizontes Antropológicos* (Relações interétnicas), Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 143 – 176, nov. 2000.
- _____. *Etnicidade e Cultura: A Constituição da Identidade Teuto-Brasileira*. Disponível em <http://www.iacd.oas.org/Interamer/Interamerhtml/Zarur45html/Zar45_Seyf.htm> Acesso em 26 set.2001.
- _____. *As associações recreativas nas regiões de colonização alemã no sul do Brasil*. *TRAVESSIA – Revista do Migrante*. Publicação do CEM, Ano XII, n 34, p. 24 – 28, maio/ago. 1999.
- _____. *Identidade étnica, assimilação e cidadania. A imigração alemã e o Estado Brasileiro*. *RBCS*, n° 26, ano 9, p. 103 – p. 122, out. 1994.
- _____. *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica*. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.) *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994. p. 11 – p. 27.
- SILVA, Mozart Linhares da. *“História, Memória e Possibilidades.”* *Revista História - UNICRUZ*. Cruz Alta: Editora da Universidade de Cruz Alta, n. 2, p. 31-37 Dez/2001.
- SKLIAR, Carlos; DUSCHATZKY, Sílvia. *O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação*. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos. (Org.) *Habitantes de Babel: Políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 119 – p. 138.
- TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUSC, 2004.
- VERBAND DEUTSCHER VEREINE. *Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul – 1824-1924*. Porto Alegre: Editora UNISINOS, 1999.
- VOGT, Olgário Paulo. (Org) *Abrindo o baú de memórias: o museu de Venâncio Aires conta a história do município*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- _____. *Imperialismo: a face oculta do germanismo*. In: *Centro de Estudos Marxistas. As portas de Tebas: ensaios de interpretação marxista*. Passo Fundo: UPF, 2002.
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7 – p. 72.
- FONTES PRIMÁRIAS

Estatutos de Fundação da Sociedade Lanceiros Grêmio Tiradentes, fundado em 6 de janeiro de 1929.

Relatório com que o Exmo Sr. Dr. José Fernandes da Costa Pereira Júnior, presidente desta província passou à administração da mesma ao Exmo. Sr. Dr. João Pedro Carvalho de Moraes, no dia 01 de dezembro de 1872. p. 15 – p. 16.

Entrevistas

Nº 1 Entrevista realizada em 8/04/2001; idade do entrevistado: 70 anos localidade: Linha São Martinho.

Nº 4 Entrevista realizada em 11/04/2001; idade do entrevistado: 80 anos; localidade: Linha São Martinho.

Nº 5 Entrevista realizada em 19/04/2001; idade do entrevistado: 90 anos; localidade: Santa Cruz do Sul.

Nº 6 Entrevista realizada em 08/04/2001; idade do entrevistado: 67 anos; localidade: Linha São Martinho.

Nº 7 Entrevista realizada em 18/05/2001; idade do entrevistado: 79 anos; localidade: Santa Cruz do Sul.

Nº 15 Entrevista realizada em 30/01/2001; idade do entrevistado: 91 anos; localidade: Linha Brasil.

Nº 16 Entrevista realizada em 29/08/2001; idade do entrevistado: 76 anos; localidade: Sinimbu.

Nº 24 Entrevista realizada em 21/04/2000; idade do entrevistado: 66 anos; localidade: Lageado.

Data do recebimento: 10/05/2006

Data do aceite: 30/08/2006